

ACTAS DAS I JORNADAS

as vias do Algarve

da Época Romana à Actualidade



São Brás de Alportel - 2006

.VIII CAMINHOS ANTIGOS, PERCURSOS MODERNOS

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Universidade de Coimbra

resumo

Procura fazer-se um paralelo entre as veredas antigas e as auto-estradas dos nossos dias, o seu significado, o seu papel, o seu fascínio, os seus... perigos e a forma de os esconjurar.

Ao longo dos tempos, sempre as vias romanas - com seus miliários, pontes, calçadas... - interessaram os estudiosos. E disso se traça, aqui, breve panorâmica, passeando-nos um pouco por todo o País, mas detendo-nos mais na Geira, a *Via Nova*, que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta* (Braga a Astorga), onde parece que o Romano fez 'sementeira' de miliários, para nos interrogarmos sobre qual é, afinal, a função desses marcos com nome de imperadores e número de milhas - bem diferentes dos marcos quilométricos dos nossos dias...

Curiosamente, era a Geira a Via XVII - e nós temos, hoje, a A23, o IC5, o IP3... Pouco mudou nesse aspecto, embora noutros a transformação seja total: deixámos de saborear o petisco típico e paramos, agora, em estações de serviço, passadas a papel químico. Diferentes seriam, em tempo de Romanos, as *mutationes*, estações de muda, para fugaz troca de montada; ou as *mansiones*, as «mansões» ou «pousadas», lugar de poiso de um dia para o outro, com termas incorporadas para nos lavarmos da poeirada do caminho...

E veneramos a nossa «calçadinha», pretexto para este encontro, numa lição de preservação das veredas que nossos antepassados calcorream...¹

a consciencialização

15 de Novembro de 2004. Uma povoação do Norte do País insurgiu-se e teve honras de telejornal, porque o traçado previsto para mais uma auto-estrada iria destruir um cruzeiro antigo e considerável troço do caminho de Santiago...

Seguramente não haveria melhor forma de iniciar uma reflexão sobre "caminhos antigos, percursos modernos", do que este episódio, aparentemente desprovido de outro significado para além de um ilusório conservadorismo atávico, qual «velho do Restelo» bramando contra a «glória de mandar» e a «vã cobiça». Para o canal televisivo, decerto, apenas mais uma acha na fogueira do nosso descontentamento: «Há protestos? Vamos lá!».

E até, cerimoniosamente, o Sr. Presidente da Junta de Freguesia perorou, reclamando tradições, alvitrando alternativas, discutindo decisões de um Poder Central e macrocéfalo, que encomenda, para o efeito, pseudo-estudos de impacte ambiental, ao abrigo da legislação em vigor e... ficamos de consciência tranquila!..

Não seria notícia o protesto aqui há duas dezenas de anos atrás. Primeiro, porque se não 'exploravam' ainda, então, as manifestações de descontentamento; depois, porque «Caminho de Santiago» quem é que se importava com ele? Não fora assim uma rota de monges ou de empedernidas

¹ Esta investigação foi realizada no quadro do projecto de investigação sobre o CIL XVII (corpus dos miliários romanos), do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto.

beatas em plena escuridão medieval? Finalmente, auto-estrada era, nesse tempo, um 'eldorado' a facilitar comércio, a encurtar distâncias, a aproximar os mundos, a partilhar festividades...

Os tempos amadureceram, porém. Visto do ar, antes de concluído, o troço da A13 em construção desde Santo Estêvão (Benavente) até Vila Franca de Xira (Ponte Salgueiro Maia) era traço de união coleante, ufano já dos seus viadutos e pontes, da faixa reluzente do alcatrão acabadinho de estender... Pode vir a ser também – visto com outros olhos – a longa cicatriz para sempre rasgada na verde vastidão da lezíria, habituada apenas ao voo suave das cegonhas e das garças, ao passo cadenciado da boiada, ao sossegado ramerrão de agricultores e campinos...

Caminhos antigos, percursos modernos – por mais que o impacte se minimize (na teoria e na prática), certo é que ele vai existir sempre: no pensamento e na realidade!

as veredas e as vias: do aparente improvisado à organização sistemática

Seduzem-me as veredas por entre os matos – porque nunca vão em linha recta. Temos a sensação de que foi alguém toldado no espírito o primeiro que afastou os carrascos e as urzes e os troviscos e decidiu abrir o trilho. Não foi. Usou da inteligência, adaptou-se ao terreno – como, de resto, hoje, apesar da técnica, também as auto-estradas se adaptam (ao terreno e aos interesses...).

Recordo-me da longa conversa que tive com João Garcia, em Novembro de 2002, meses depois de ele ter escalado o Himalaia e tocado o Pico Evereste, em expedição de que se salvou por um triz. Também ali os trilhos ziguezagueavam e afastar-se deles podia significar morte certa. Daí, a importância do trilho, do caminho – desde tempos imemoriais.

Das vias romanas desde sempre se louvou o esplendor. O rigor técnico do traçado; a sólida imponência do piso; a majestade das pontes; a solenidade escrita dos miliários... Legiões (imaginávamos!...) sob o olhar a um tempo feroz e sábio de centuriões, esforço hercúleo, carregando lajes, estruturando camadas... Criara-se, assim, uma «rede viária» - «Todos os caminhos vão dar a Roma!»... Para que os fiscais do Imperador e as suas tropas depressa chegassem aonde era preciso, para arrecadar impostos ou reprimir rebeliões, nos mais longínquos confins muito embora...

Daí o prestígio de um dos cargos preliminares do vigintivirato senatorial: os *quattuorviri viarum curandarum*. Ajudavam os edis na conservação das vias da cidade e, sobretudo, das quatro principais que abasteciam a Urbe: a Ápia (a grande obra de *Appius Claudius Caecus*), a Cássia, a Cimínia e a Clódia. Sabia-se que do seu bom estado de conservação e da segurança pessoal que ofereciam dependia a normalidade da vida em Roma no que concerne a abastecimento e... serenidade!

o itinerário, manancial sedutor e enigmático

Daí a importância do *Itinerário de Antonino*² que, se calhar, aguarda agora um estudo perspicaz encarado com as perspectivas novas do século XXI.

² Sobre este documento, atribuído à época do imperador Caracala (198-217), é inúmera a bibliografia, atendendo a que abarca todo o Império Romano e, portanto, em cada zona os respectivos investigadores procuram fazer a identificação entre os topónimos aí registados e os vestígios actuais, quer arqueológicos quer toponímicos. Para uma ideia geral acerca da importância deste documento, poderá consultar-se, por exemplo, P. ARNAUD, «L'itinéraire d'Antonin: un témoin de la littérature itinéraire du Bas-Empire», *Geographia Antiqua* (Florença), 2, 1993, p. 33-49.

E não lhe foram insensíveis os nossos estudiosos, desde Moreira de Figueiredo – no que às vias das Beiras diz respeito – a um Mário Saa, que calcorreou o País em busca de cidades perdidas, de vestígios ancestrais, de coisas velhas da moirama... Muito encontrou, aliás – e disso é testemunho a preciosa coleção arqueológica guardada em sua casa, no Ervedal, hoje transformada em museu pela Junta de Freguesia. Claro que muitas identificações de cidades inventou também – não fôssemos nós herdeiros de um André de Resende e, sobretudo, de um Frei Bernardo de Brito!... Por isso se proclamou «cautela» na sua leitura, espírito crítico, o que se poderá ter interpretado como «maldição», anátema – tudo está mal!... A esse hipercriticismo sem dó nem piedade se contrapõe, hoje, a crítica serena, mormente depois de se ter verificado, por exemplo, que uma placa de Abiul (Leiria), de onomástica bem estranha para ser verdadeira (aí se referia um... *Sapidius* até então nunca documentado!...), era, de facto, uma placa autêntica e constituía, inclusive, documento epigráfico romano bem interessante³. Têm as *Grandes Vias da Lusitânia*⁴ um subtítulo deveras elucidativo: *O Itinerário de Antonino Pio*. De muito tem servido esse *Itinerário*, para se proceder a uma reconstituição do mapa de Portugal sob o domínio romano. Tarefa aliciante a que não resistiu Jorge de Alarcão logo na 1ª edição do seu *Portugal Romano*⁵, onde o capítulo «As vias e os lugares» ocupa páginas significativas (64-103): «De Aquae Flaviae para ocidente havia certamente outra estrada que servia as minas de ouro do Poço das Freitas e uma cidade que parece ter sido sede de diocese no século V ou VI: Beteca, talvez correspondente a Boticas. A estrada passaria por Vale de Anta, Pastoria, Sapiãos, Boticas e Alturas de Barroso. Talvez continuasse para ocidente, entroncando na via de Bracara a Asturica, mas disso não temos provas» (p. 103).

Igualmente em *O Domínio Romano em Portugal*⁶,

são «As estradas» o capítulo IV (p. 87-106). Aí, depois de afirmar que «a rede viária do Portugal romano está ainda mal definida», adverte o autor: «Tentaremos, neste capítulo, uma redefinição das vias romanas de Portugal. Os nossos próprios traçados, porém, terão de ser reexaminados e não poderão aceitar-se como conclusões definitivas. Insistimos nesta advertência, para que não se tome como traçado indiscutível aquilo que muitas vezes é hipotético» (p. 88).

Mas... agora reparo que deixei para trás Cristóvão Moreira de Figueiredo. Nos volumes XI (1952) e XII (1953) da revista *Beira Alta*, inseriu um extenso artigo intitulado «Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras»:

«Vamos a seguir indicar o traçado de várias vias romanas, estradas medievais, simples caminhos antigos de transumância ou de comércio da antiga Beira», escreve Moreira de Figueiredo, que acrescenta:

«Este trabalho modesto, de compilação por vezes de estudos já feitos, honra muitos dos autores citados e só por ignorância de matéria poderá atribuir-se a quem não pertença. Contém, no entanto, bastantes achegas ou notas inéditas nossas, designadamente as que se referem a nomes de povoações e estações arqueológicas existentes nos percursos referidos» (p. 318).

um fascínio particular

As vias detiveram, pois – e detêm! – particular fascínio na investigação. Não admira, pois, que uma das primeiras dissertações de doutoramento que o Professor Jorge de Alarcão orientou, a de Vasco Gil Mantas, tenha por tema precisamente a que

³ José d'ENCARNAÇÃO, «A coleção epigráfica de Mário Saa no Ervedal», *Humanitas* XLVII 1995 629-645 (sobretudo p. 635-638).

⁴ Seis volumes publicados em Lisboa desde 1956 a 1967.

⁵ Editorial Verbo, Lisboa, Fevereiro de 1974.

⁶ Publicações Europa-América, Mem Martins, 1988.

supomos ter sido uma das mais importantes vias romanas do território hoje nacional: a via que de *Olisipo* leva a *Bracara*⁷.

E também na dissertação de João Luís da Inês Vaz⁸, as vias que de Viseu partiam ocuparam papel preponderante, até porque – todos o sabem! – por aí se mantiveram até hoje dos mais bonitos e bem conservados troços de que há memória!

Evidentemente, da Geira nem falo – que outros, melhor que eu, saberão da multiplicidade de estudos, da multiplicidade de intenções, do sem-número de projectos, de tantos que as investigaram, investigam e investigarão. Não posso deixar de recordar, todavia, a obra *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal* do saudoso Padre Martins Capella (Porto, 1895), com reedição facsimilada em 1987, precisamente o ano em que se celebrou, em Tarazona, um simpósio sobre *La Red Viaria en la Hispania Romana*, cujas actas a Institución «Fernando el Católico», de Zaragoza, viria a editar em 1990, a mesma instituição que acolherá, dois anos depois, a obra de Joaquín Lostal Pros, *Los Miliarios de la Provincia Tarraconense*. Aliás, esse ano de 1987 parece ter sido crucial nesses estudos, pois então se publica, sob a responsabilidade de G. Arias Bonet, o *Repertorio de Caminos de la Hispania Romana*, de 1987, cuja reedição (revista) foi publicada em 2004 – uma prova mais do interesse que esta problemática vem despertando.

Mas – voltando um pouco atrás – também a Câmara de Terras de Bouro não deixara de, em Abril de 1982, dar à estampa o curiosíssimo *Thesouro de Braga descoberto no Campo do Gerez, em que se manifestão setenta e quatro padrões que na estrada imperial da Geira, e Gerez da parte deste nosso Reyno de Portugal novamente se descobrirão, obras maravilhosas dos Emperadores Romanos. E algumas antiguidades deste Reyno, tiradas de notícias e memorias certas indagadas no anno de 1728. Offrecido à Magestade de*

El Rey Nosso Senhor Dom João o Quinto. Composto pelo Padre José de Mattos Ferreira, clérigo do Habito de São Pedro e natural da Augusta cidade de Braga. Um espanto!...

Mas que não vá o Norte sem resposta, pois que Luís Marinho de Azevedo, autor de uma obra sobre a *Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa e Seus Varões Ilustres em Santidade, Armas e Letras*, oferecida «à fidelíssima e augustíssima majestade de el-rei D. José I», em 1753 (trata-se da 2ª edição de uma obra do século XVII), tem, no livro III, o capítulo XXIV: «Das vias militares que de Lisboa saíam para Mérida e Braga, segundo o Itinerário do Imperador António [sic]». E explicita, desde logo, que «o principal intento com que estas calçadas se fizeram foi para que os cônsules, pretores e legados pudessem comodamente conduzir os exércitos a seus alojamentos e, por ficarem as jornadas melhor repartidas, se faziam estes caminhos com rodeios, para que os soldados marchassem à sua vontade e os pretores visitassem os lugares que governavam, tocando em todos os principais, ainda que estivessem desviados do caminho direito» (p. 92).

Regressemos à Geira. Miliários no sítio, miliários deslocados... um aqui, outro acolá, mais além um



Figura 1
Miliários na Geira

⁷ Vasco Gil da Cruz Soares MANTAS, *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996. 2 volumes, policopiados.

⁸ *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Coimbra, 1997 (sobretudo p. 371-402).

punhado deles (fig. 1) e a interrogação: porquê? Sabe-se o local donde se extraíram (fig. 2) e onde se preparavam para serem extraídos. Um mundo!⁹ Um mundo não pacífico de sonhos por realizar. E até aquele Cristo crucificado em cima dum miliário reaproveitado, qual alminha a abraçar viandante, nos parece – de braços abertos mas pregados no madeiro – a vontade assassinada de uma oferta por fazer!...

E, afinal, que fascínio é esse o das estradas dos Romanos? Pergunta inteiramente estulta para quem, na década de 60 do século passado, por exemplo, demandasse Bragança ido por Murça: não era impressionante aquele serpentear lajeado pelas encostas?... Questão inteiramente impensável para quem serenamente se tenha passeado já pela ponte de Chaves ou pela de Salamanca ou pela da Ribeira da Seda e lhes admirou o perfil, a solidez, o arcaboço, a... eternidade!

E – claro! – por isso é que tudo o que é município que se preza quer ter a sua via romana. Até São

Brás de Alportel, que dispõe de uma «calçadinha» de tempos modernos, fez dela o seu ex-libris de antiguidade, pois há fortes indícios de ter sido implantada sobre a antiga via (ou um *diverticulum* dela...) que, de Ossónoba, se embrenhava pela Serra em direcção a *Vipasca* e a *Pax Iulia*¹⁰.

Um fascínio de antiguidade, portanto, de raízes – que por aqui se passava, por aqui se passou, gente, desde sempre!...¹¹ Havia comércio, forasteiros que paravam, alguns descansariam também e mudariam de montada em tempos idos!...

Lembro-me da Ponderosa, ponto de paragem obrigatório na Estrada Nacional nº 1, após as cansativas curvas de Alenquer. Hoje, a auto-estrada fê-la definhar. Como as magníficas sandes de carne assada do Bigodes, à Venda das Raparigas. Safou-se Canal Caveira, ao que se diz – que mais forte que as pressas é a delícia do seu cozido à portuguesa e os livros de poesia popular de mestre cauteleiro, Alexandre Sobral Lourenço, que já vai no IX volume, *É muito bonito ser poeta* («Com 220 quadras de 40 pontos», Agosto 2002):

«Para a estrada não vou
De conduzir tenho medo
Há condutores malucos
Para morrer acho cedo». (p. 199)

E chegámos ao cerne da questão: a economia. Impingem-nos hoje as áreas de serviço e algumas, até, já começam a perceber que o 'plástico' acaba por não atrair e vão optando por simpáticas alternativas caseiras. A economia, motor do lançamento de uma auto-estrada, da alteração do seu traçado, dos miliários ou... dos modernos painéis que nelas se quer implantar...¹²



Figura 2

A preparação da pedra, donde se cortaria o miliário, à beira da própria via (Geira).

⁹ Um dos últimos trabalhos sobre os miliários da Geira deve-se a António Rodríguez Colmenero, Santigao Ferrer Sierra e Rubén D. Álvarez Asorey: *Miliários e Outras Inscrições Viárias Romanas do Noroeste Hispânico (Conventos Bracarense, Lucense e Asturicense)*, Consello da Cultura Gallega, 2004.

¹⁰ João Pedro BERNARDES e Luís Filipe OLIVEIRA, *A "Calçadinha" de S. Brás de Alportel e a Antiga Rede Viária do Algarve Central*, Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, 2002.. Ver também Sandra RODRIGUES, *As Vias Romanas do Algarve*, Faro, 2004.

¹¹ Notável, pelo método utilizado e pelo que significa como sistemática exploração do território envolvente da cidade de Évora, é o livro de Francisco BILLOU, *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, que teve, em 2004, duas edições, uma delas significativamente patrocinada pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

¹² A luta que foi para a Brisa aceder a publicitar património cultural!...

miliários, pontes, divindades...

Já se sublinhou que a forma cilíndrica e a paginação do miliário romano, deixando na superfície perpendicular ao eixo da via as palavras mais importantes e significativas (fig. 3), favoreciam adequadamente a imediata percepção do conteúdo informativo da epígrafe.¹³ É hoje genericamente aceite a ideia de Pierre Salama¹⁴ de que, a partir do século III, os miliários com o nome do imperador em dativo e sem menção de milhas assumem funções preferentemente honoríficas e menos informativas, inclusive porque, por estas paragens e noutras, o ambiente citadino estaria epigraficamente saturado e, por isso, as vias deteriam, teoricamente, mais ‘espectadores’ ou espectadores mais atentos do que a cidade, que, aliás, já não assumiria, nessa época, um papel tão aglutinador da população como outrora. Os proprietários das *villae* – “antepassados”, digamos assim, “dos senhores feudais” – certamente iriam procurando juntar em torno de si as gentes dos arredores, quer para o seu prestígio pessoal quer para, através dessa atitude, não desprovida de laivos culturais, como se sabe, obterem dividendos económicos e políticos¹⁵.

As pontes constituem, por seu turno, de há muito a esta parte, um outro quebra-cabeças e um outro fascínio. Romanas? Medievais sobre estruturas romanas? De montanha, como a de Alcântara (e mesmo essa que é que tem de autenticamente romano e que será do tempo dos Reis Católicos?), ou de planície, como a de Mérida (que, também ela, tantos estudos já determinou!)... Mundos de interrogações por responder!¹⁶

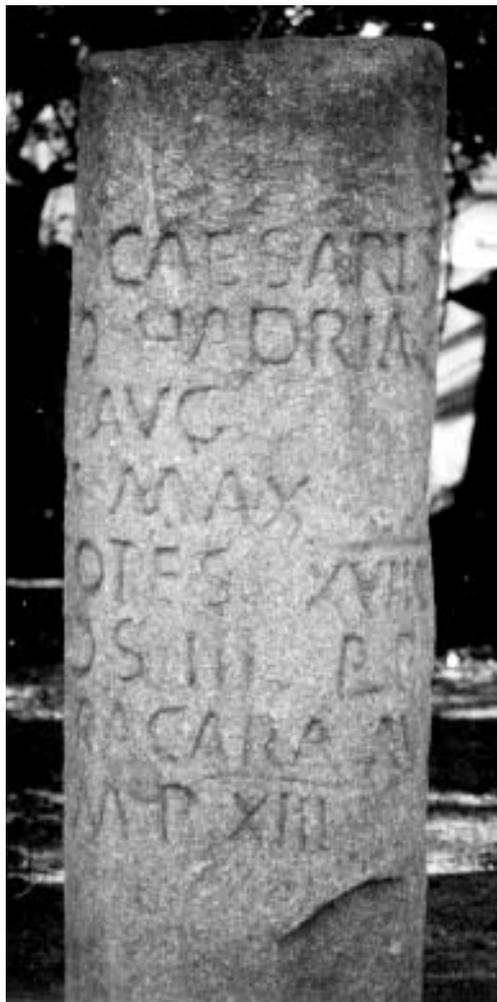


Figura 3

Miliário de Braga, onde se apercebe claramente que a paginação era feita colocando as palavras-chave no eixo perpendicular à via: o nome principal do imperador (HADRIAN), o número do seu poder tribunicio, a identificação da cidade a partir da qual se contavam as milhas, o número de milhas (M P XIII).

¹³ José d'ENCARNAÇÃO, «Miliários da Geira: informação e propagação», *Cadernos de Arqueologia* 12-13 1995-1996 39-43.

¹⁴ Pierre SALAMA, «La parabole des milliaires chez Saint Augustin», *L' Africa Romana 6°* 1989 697-707 (sobretudo p. 703-707: «La réalité des bornes milliaires en Afrique». *Contra*: Robert ÉTIENNE, *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*. Paris, 1974 (reimp.), p. 502-503 – que cita Pierre SALAMA, «La colonie de Rusguniae d'après les inscriptions», *Revue Africaine* 99 1955 5-52. Ver também Pierre SALAMA, *Bornes Milliaires d' Afrique Proconsulaire (Un Panorama du Bas Empire Romain)*, Roma, 1987.

¹⁵ O édito de Galieno, de 261, que, na prática, retirava aos senadores efectivo poder político, pois implicava, na prática, segundo Aurélio Vítor (33, 39 e seg.; 37, 6), ne imperium ad optimos nobilium transferretur – «que o poder militar não passasse para as mãos dos melhores dos nobres» – acabou por ter como consequência que os senadores “voltassem à terra” e se dedicassem à cultura, o que lhes aumenta o poder social. De resto, é devido a esse contributo que se assiste, no século IV – como assinala Jean GAGÉ (*Les Classes Sociales dans l'Empire Romain*, Paris, 1964, p. 250 e 262) –, a uma espécie de primeiro renascimento clássico e pagão e se assiste ao elogio da cultura e das virtudes políticas (cf. V. NERI, «L'elogio della cultura e l'elogio delle virtù politiche nell'epigrafia latina del IV secolo d. C.», *Epigraphica* XLIII 1981 175-201).

¹⁶ Cf., neste mesmo volume e a propósito de toda esta problemática, a intervenção de João Pedro BERNARDES, «Existem pontes romanas no Algarve?».

Os miliários, evidentemente (e opto apenas por dizer 'miliário' – e não “marco miliário” – seguindo a sugestão de Justino Mendes de Almeida, que atribui ao vocábulo miliário um valor substantivo e não adjectival¹⁷), por terem letras, por a sua mensagem carecer de decifração, arvoram-se em grandes “senhores” no estudo das vias romanas, inclusive porque, geralmente de granito e amiúde reutilizados e retirados do seu local original, sofreram escoriações que, em regra, lhes danificaram precisamente aquele número do poder tribunício ou um dígito fatal das milhas!... E aí estão os epigrafistas a digladiarem-se, quando não é o próprio a digladiar-se consigo mesmo, lendo hoje uma coisa e propondo no ano seguinte uma outra!...

Concomitantemente à decifração, a interpretação: a necessidade de – numa visão ampla, a nível de província, da Hispânia, da parte ocidental do Império... – se perceberem políticas administrativas, gestões macro-económicas, pois a via é elo de cadeia e só assim se pode cabalmente compreender, como se preconiza a propósito da obra de Elena Banzi, *I Miliari come Fonte Topografica e Storica* (De Boccard, Paris, 1999):

«A leitura crítica das suas inscrições, se se tiver em linha de conta a realidade topográfica da sua situação e do meio político e cultural que os produziu, fornece, amiúde, elementos essenciais para a reconstituição e destino dos itinerários ao longo dos quais foram implantados. Poder-se-ão determinar, desta sorte, os períodos de utilização mais intensa, eventuais fases de abandono, as razões que induziram as autoridades romanas a “abrir” certos itinerários e a cuidar deles com mais atenção»¹⁸.

A descoberta das *mansiones* ou das *mutationes* revela-se, por sua vez, de superior interesse, de todos os pontos de vista. Não temos a pretensão de – como



Figura 4

Ara aos Lares Viales, de Braga.

¹⁷ Justino Mendes de ALMEIDA, «Vária terminologia epigráfica e arqueológica», *Estudos Arqueológicos* 1 1974 221-225.

¹⁸ Ver, a este propósito, José María ÁLVAREZ MARTÍNEZ, «Calzadas de Hispania: planificación e ideología imperial», in Vittorio GALLIAZZO [coord.], *Via Claudia Augusta – Un'arteria alle origini dell'Europa: ipotesi, problemi, prospettive* (Feltre, 24-25.09.1999), Treviso, 2002, p. 375-395.

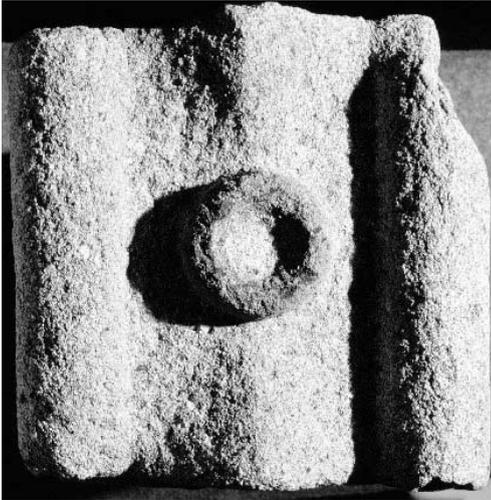


Figura 5

Capitel da ara aos Lares Viales, com vestígios da utilização do foculus, na queima das essências.

nos Alpes – esses locais de obrigatória passagem e de serena paragem serem, em simultâneo, santuário de culto a um Júpiter de epíteto local ou associado à divindade indígena ali venerada;¹⁹ mas... que são as alminhas senão a reminiscência das aras aos *Lares Viales*, a colocar no começo ou no fim da caminhada – e de que a ara de *Bracara Augusta* (fig. 4), achada mesmo no sítio da porta da cidade ainda com vestígios da acção do fogo no *foculus* (fig. 5), constitui bem sugestivo exemplo?²⁰ Também em Freixo de Numão, numas penedias, sugeriu-nos Marc Mayer que pudéssemos interpretar uma epígrafe como o agradecimento de Antiro a Hércules, por a divindade, através de oráculo, lhe haver indicado o melhor caminho a seguir em segurança («sine furtu»)²¹.

Caminhos antigos, percursos novos, as mesmas preocupações de sempre!...

Percursos novos no sentido de que, com alguma frequência, por sobre os antigos, sabiamente delineados em plena comunhão com a Natureza e não agredindo-a, novos percursos se moldaram no decorrer dos tempos. Percursos novos num outro sentido também, pois diversa é, hoje, a perspectiva de que nos colocamos para o seu estudo: via-caminho, via-sintoma, via-elo inseparável de toda uma circunstância no espaço e no tempo.

Para nós, neste dealbar do século XXI, o supremo desafio de bem o logramos destrinçar!

¹⁹ Recordo o que aconteceu junto ao *lacus Poeninus*, nos Alpes, à beira de uma via rasgada na rocha, onde se edificou um santuário rupestre (Plan de Júpiter), abundante em placas votivas dedicadas a *Poeninus*, a *Iuppiter Poeninus* e às *Dominae*. Cf. Antonina Maria CAVALLARO e Patrizia FRAMARIN, «Il nuovo museo dell'Ospizio del Gran S. Bernardo. Problemi di riordino e proposta di fruizione di una raccolta antiquaria in un piccolo museo del territorio», *Epigraphica L* 1988, p. 264-272.

²⁰ Vide Armandino CUNHA, José d'ENCARNAÇÃO e Francisco Sande LEMOS, «Ara aos Lares Viales, de Bracara Augusta», *Forum* (revista do Conselho Cultural da Universidade do Minho), 37 (Jan-Jun 2005), p. 147-155.

²¹ Vide António N. Sá COIXÃO e José d'ENCARNAÇÃO, «Epigrafia rupestre de Numão», *Saxa Scripta – Actas do III Simpósio Ibero-Itálico de Epigrafia Rupestre*, Viseu, 2001, p. 199-208; AE 2001, 1162; HEp 11 2005 n° 675.